

CRISE ECONÔMICA ATRAVÉS DO DISCURSO HIPERBÓLICO DE PETER JOSEPH NA TRILOGIA *ZEITGEIST*

Adelson Oliveira Mendes (UNEB)
adelsonoliveiramendes@gmail.com
Thiago Martins Prado (UNEB)

RESUMO

Por meio de uma proposta qualitativa de análise, seguiu-se uma investigação do seguinte tema: a crise econômica apresentada através do discurso hiperbólico de Peter Joseph na trilogia *Zeitgeist*. Como apoio à pesquisa, a fim da compreensão das críticas de Peter Joseph ao capitalismo, adotaram-se os estudos do sociólogo Zygmunt Bauman (2001, 2008, 2010 e 2016), Thiago Martins Prado (2017), Etienne de La Boétie (2010), Joel Bakan (2008) e Milton Friedman (1978). Estudos do campo da retórica e argumentação, como os de José Luiz Fiorin (2016), os de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014) foram utilizados para fortalecer a compreensão da figura de linguagem da hipérbole adotada nos enunciados realizados por Joseph. Utilizando a hipérbole, Peter Joseph descreve acontecimentos no decorrer da história no campo da economia de modo a produzir um efeito de imprevisão responsivo em que o exagero das enunciações busca acusar a cumplicidade discursiva na área econômica que sustenta o *establishment*.

Palavras-chave:

Conhecimento. Crise. Sociedade. Política. *Zeitgeist*.

1. Introdução

Zeitgeist, trilogia escrita, produzida e dirigida pelo diretor de filmes Peter Joseph, faz fortes críticas, por meio da perspectiva ativista do autor, à economia contemporânea. Joseph apresenta, através de uma visão hiperbólica, os trâmites do processo inflacionário em torno do lucro, do estoque monetário e demais características contemporâneas emergidas do sistema capitalista praticados, adotados pela população como indispensáveis, pelas corporações bancárias e instituições governamentais. As narrativas realizadas por Joseph, na trilogia *Zeitgeist*, aponta para o processo inflacionário como um instrumento de dominação integrado à economia, ou seja, ela é inevitável, pois é resultado dos mecanismos adotados em conjunção à lógica do capitalismo contemporâneo (manipulador e escravocrata pelo sistema de crédito e dívidas).

Diante desse destaque, surge a indagação sobre tal discurso hiperbólico de Joseph – que escapa do conceito de inflação como irregularidade e passa a afirmá-la no mercado como uma tática criminoso, manipuladora e dominatória – como o decurso inevitável da inflação controla o consumo

da população, criando várias desestabilidades socioeconômicas? Tal problema guiará a escrita desse artigo na pretensão de responder a tal questionamento.

O estudo aqui apresenta a versão de Peter Joseph sobre o processo inflacionário não como um efeito nocivo ou distorção derivados de uma má condução das instituições governamentais e financeiras, mas um comando cíclico e disfarçado que torna eficiente o controle social por meio do endividamento. Em verdade, o discurso hegemônico contemporâneo sobre a economia, ao se basear na concepção da autorregulação do mercado, amplifica a metáfora da mão invisível, nascida com Adam Smith, como uma forma de esconder as práticas manipulatórias das instituições financeiras. A retórica que defende a mão invisível, embora tenha servido para vencer os ditames aristocráticos na época do feudalismo ou ainda se opor ao constante uso do prestígio da nobreza no cálculo dos preços, nos dias atuais, atua como uma neblina a esconder as práticas e os comandos adotados por megacorporações na área financeira a interferir nas decisões de governos a respeito de suas estratégias monetárias. No sentido de Joseph, a inflação é uma ferramenta que controla o poder de compra dos indivíduos e acentua uma espécie de servidão voluntária.

Considerando a possibilidade viável da hipótese adotada, foram utilizados os seguintes teóricos na fundamentação desse artigo: Zygmunt Bauman (2001, 2008, 2010 e 2016), Thiago Martins Prado (2017), Etienne de LaBoétie (2009), Joel Bakan (2008), José Luiz Fiorin (2016) e Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014). O sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, em suas obras *Vida Para Consumo*, *Modernidade Líquida*, *Capitalismo Parasitário* e *Estado de Crise*, faz determinados apontamentos para a situação desenvolvida e ainda em estado líquido, pela modernidade – além de descrever os traços morais e éticos em crise: a submissão humana ao consumismo com o nível de consumo desenfreado como incentivo da população em busca de determinado *status quo*. Thiago Martins Prado, em seu texto *Figuras de Retórica no Discurso Econômico para Narrar a Crise Mundial de 2008*, elabora sua crítica, entre outros aspectos, do ponto de vista da teoria do estoque monetário de Milton Friedman e a sua tradução hiperbólica por Peter Joseph. Prado descreve o conservadorismo do economista Friedman e contrapõe-no aos estudos de Joseph, que denunciam a cumplicidade de Friedman com os oligopólios bancários. Consequentemente, Prado apresenta o recurso da hipérbole no pensamento de Joseph ao emprestar o entendimento da inflação como a ferramenta essencial a compor o círculo vicioso de desvalorização monetária como

instrumento de dominação social exercida por membros de gigantescas instituições financeiras – ao invés de entender o processo inflacionário como irregularidade a ser combatida por essas mesmas instituições, como apregoava Friedman.

Etienne de La Boétie, em *Discurso da Servidão Voluntária*, desenvolveu sua crítica a esse sistema moderno, outrora em desenvolvimento, onde destaca sua militância contra o poder exercido da minoria sobre a maioria. La Boétie utiliza, em muitos momentos, o estancamento da ação popular, pois tornaram-se servos de proposições de tal minoria. Joel Bakan, em *A Corporação*, atribui à população a culpa pela existência das corporações e vislumbra a possibilidade de essa mesma sociedade civil enfrentar práticas e políticas advindas de cotidianas ordenanças corporativas. Milton Friedman, em *Inflação: suas causas e consequências*, elabora um discurso conservador que relata o processo inflacionário muito mais como uma irregularidade a ser combatida por instituições financeiras do que como mecanismo de manobra adotado por tais instituições em diversos momentos.

Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, em *Tratado da Argumentação*, trazem inúmeras concepções sobre o processo de retórica, apresentando formas como discursos adaptam-se ao público, ou seja, ao auditório, assim definido pelos teóricos linguísticos supracitados – como o narrador deve portar-se diante dos diferentes tipos de auditório afim de conduzi-los a determinados fatos, verdades, valores, presunções e as hierarquias através do argumento incentivado pela crítica.

A partir dessas idiossincrasias, a relevância desse estudo, através da figura de linguagem adotada por Joseph, reside na possibilidade de, com as apresentações dos autores acima mencionados, aplicar novas formas de interpretação do fenômeno da inflação e suas causas dentro de um período de crise econômica, em uma sociedade gerenciada em torno dos princípios do capitalismo financeiro, entendido, pelo discurso adotado por Peter Joseph e pelo movimento *Zeitgeist*, como contemporaneamente escravocrata pelo sistema de crédito.

2. O movimento e a tática contra o discurso hegemônico do capitalismo

Peter Joseph apresenta-se como ativista e, no âmbito linguístico, esse trabalho leva em consideração a utilização da hipérbole no discurso do autor, ou seja, o desvio de regularidade se comparado aos modelos de discursos econômicos vigentes – com um contexto que aponta para o exagero se se for considerado o entendimento proposto pelo *establishment* do discurso econômico. O movimento *Zeitgeist*, presente em setenta países, dissemina a criação de uma sociedade global, verdadeiramente pacífica, responsável e sustentável – pauta em objetivo específico para um valor de identificação comum, que diz respeito à sobrevivência e à sustentabilidade do planeta. Como crítica a partir de suas próprias metas, o movimento mencionado não acredita na pressão da educação e do ativismo na obtenção do sistema social sustentável e humano, que nasceram da mesma falha de controle monetário que criou os problemas que se apresentaram ao mundo.

Na busca pelo entendimento e desenvolvimento da crítica sobre os aspectos do sistema sustentável e humano, Joseph destaca como as fortes influências das características do capitalismo podem confundir finalidades sociais com desejos de satisfação pessoal ou com formas de desenvolvimento de um mecanismo hegemônico de exploração social tal qual fosse uma amplitude democrática baseada no poder individual de consumo. A ética utilitarista e pragmática do capitalismo, por exemplo, apontaram uma imagem de felicidade e para um regime de confronto contra a insatisfação e leva, paradoxalmente, os indivíduos a realizarem esforços insatisfatórios e sacrificantes tendo como meta a imagem-padrão de felicidade (escravizante e torturadora). Nessa busca incansável da sociedade por algo melhor paralelamente à incapacidade dos recursos para satisfazê-la, cria-se um ciclo interminável de crise. As constantes quebras de mercado confirmam uma regularidade da proposital instabilidade instalada no financeirismo hodierno. A partir dessa compreensão, emerge o destaque da figura de linguagem adotada por Joseph, na trilogia *Zeitgeist*, aplicada na crise econômica contemporânea.

Joseph postula a crise econômica dentro de um ciclo manobrável tendo como principal ferramenta o estímulo inflacionário, e suas considerações são caracterizadas, segundo Prado (2017, p. 451), “por hiperbólicas porque escapam do conceito de inflação como uma irregularidade”. Paradoxalmente, quem forneceu para Joseph pistas a respeito do comando inflacionário das instituições monetárias foi Friedman, quando argumentou a respeito da responsabilidade de tais instituições pelo controle inflacionário. Nas palavras de Prado:

A constatação de Friedman de que as altas nos preços são mais recorrentes e de que não pertencem ao desenvolvimento econômico (mas sim às decisões das instituições monetárias) é relida por tal ativista econômico como se fosse uma instrumentação lógica abrangente de exploração socioeconômica (PRADO, 2017, p. 454).

Assim como Joseph, Prado também compreende a crise econômica como uma ferramenta que sustenta um ciclo vicioso de liberação e posterior retenção como uma forma de preservar uma escravidão voluntária, baseada no consumismo e na elevação da dívida. Esse processo de escravidão na concepção de Joseph advém do uso da inflação como um processo dominatório. Contrário à Joseph, Friedman não consegue enxergar tal fato e torna-se cúmplice do discurso econômico hegemônico, que apregoa a inflação como irregularidade a ser combatida (e não como método de controle e de exploração socioeconômicos). Sobre as asserções de Friedman à teoria do estoque monetário – quanto mais moeda, maior inflação e, portanto, maior desvalorização monetária – e a tradução hiperbólica de Joseph – essa desvalorização é gerenciada por grandes corporações bancárias a fim de aumentar a posse por meio da política da exponencialização da dívida –, Prado (2017, p. 454), argumenta que “a tradução hiperbólica da teoria do estoque monetário, por Joseph, não somente choca os contextos de discussão sobre análise econômica como também os denuncia como cenários de cumplicidade”.

Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014, p. 17) ponderam “um acordo prévio resultante das próprias normas da vida social”, ou seja, nos choques dos contextos em discussão sobre crise econômica, pautado por Prado, destacam-se os públicos instruídos e os não instruídos no campo do discurso da economia. Tomando as proposições de Perelman e Olbrechts-Tyteca, os argumentos de Friedman soam como uma tradução do signo da inflação a um auditório moderado e concordante com o *mainstream* do discurso econômico comandado por Wall Street e Washington e os de Joseph a outro auditório mais radical e destoante da hegemonia discursiva na área da economia – e com recursos de convencimento que tentam colocar as ideias circulantes entre esses auditórios em oposição a fim de favorecer um deles.

É notório, nos discursos de Joseph, determinada diferença de registro em comparação com as argumentações de Friedman. Em outras palavras, a escrita de Friedman é complexa ao público leigo, pois agrega jargões e inúmeros conceitos restritos à área econômica, não tão diferente daqueles adotados pelos porta-vozes dos governos – que favorecem o

gerenciamento do domínio da área discursiva por sua extrema especialização de código. Joseph apresenta as mazelas da sociedade aplicadas pelo sistema capitalista, pautando questões de poder, lucro (inclusive das grandes corporações bancárias e governamentais) e identidade por meio de uma linguagem mais próxima da norma padrão (sem muitos jargões). Sobre as proposições de Perelman e Olbrechts-Tyteca e a crítica de Prado, Joseph adota uma postura no discurso voltada a um auditório não especializado: “a razão tradutória, nesse sentido, é uma proposta de retirada dos jargões e da complexidade da linguagem técnica na área de análise econômica para que leigos possam compreender as causas e os efeitos do processo inflacionário” (PRADO, 2017, p. 451). Friedman e Joseph, ao conceituarem a inflação de modo diferente e também ao utilizarem formas e recursos linguísticos diferentes como estratégias de convencimento, acabaram por fortalecer, com seus argumentos, auditórios distintos – onde podem ter sucesso em um ou serem considerados como contraponto em outro.

(...) esse auditório, tal como uma assembleia parlamentar, deverá reagrupar-se em um todo para tomar uma decisão, e nada mais fácil, para o adversário, do que voltar contra o seu predecessor imprudente todos os argumentos por ele usados com relação às diversas partes do auditório, seja opondo-os uns aos outros para mostrar a incompatibilidade deles, seja apresentando-os àqueles a quem não eram destinados. Daí a fraqueza relativa dos argumentos que só são aceitos por auditórios particulares e o valor conferido às opiniões que desfrutam uma aprovação unânime, especialmente da parte de pessoas ou de grupos que se entendem em muito poucas coisas. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 34-5)

Joseph elabora seus discursos hiperbólicos sustentados sobre duas perspectivas: a interpretação do capitalismo de crédito bancário como uma forma de escravidão, como confirma Prado, e até certa servidão voluntária; e o entendimento de que a retórica da economia é intencionalmente complexa para dificultar o acesso pela maioria populacional. Segundo Joseph, a linguagem apelativa (ou radical) deve ser combinada ao discurso econômico para que a sociedade organizada saia e exponha suas opiniões, conceitos e argumentos, não deixando que as grandes corporações ditem seus discursos adaptados aos seus auditórios, ou seja, serem críticos contra determinadas ideologias políticas⁴⁵. Ao contrário disso, Joseph define assim,

⁴⁵ I do not want you to protest, I do not want you to riot. I do not want you to write to your congressman, I would not know what to tell you to write. I do not know what to do about the depression and the inflation and the crime in the street. All I know is that first you are got to get mad! You are got to say, “I am a human being, goddamn it! My life has value!” (ZEITGEIST, 2007).

de forma metafórica, a conformidade do sistema socioeconômico contemporâneo e os indivíduos que nele estão inseridos:

Ovelha, que já não precisa de um cão para controlá-los. Pois eles os controlam, os excluem, todos aqueles que saem da norma. Essa tendência a resistir à mudança e a defender as instituições existentes, por razões de identidade, conforto, poder e lucro, é completamente insustentável e só produzirá desequilíbrio, fragmentação, distribuição e invariavelmente destruição. É hora de mudar. (...) É hora de um novo sistema social que reflita os entendimentos que temos hoje⁴⁶ (ZEITGEIST, 2011) (tradução nossa).

A submissão⁴⁷ da sociedade ao sistema capitalista é crítica recorrente no discurso de Joseph. Tal submissão, assim como a escravidão contemporânea abordada por Prado e a servidão voluntária, destacada por Etienne de La Boétie, é decorrente do processo de endividamento da população, entre outros, através dos sistemas de financiamentos bancários. Para Joseph, o sistema inflacionário causa tamanhas desestabilidades, que ampliam distorções de renda em períodos de crise – desvalorizando as posses daqueles que assumiram dívidas sem que o próprio endividamento não deixe de crescer. A partir daí, os interesses corporativos são alcançados de dois modos: pelo barateamento do custo da mão de obra que aceita valores baixos para pagarem dívidas; e pela compra de posses a valores baixos advindos dos que estão com a renda reduzida pelo impacto do endividamento.

Por outro lado, o estímulo ao endividamento também tem uma dimensão discursiva de necessidade de gestão indenitária da qual a sociedade contemporânea não escapa. O consumismo parasitário, discutido por Zygmunt Bauman, torna-se uma identidade do indivíduo, ou seja, deixa-se de consumir aquilo que seja necessário e passa à compulsão às compras como forma de assumir a máscara social de privilégio ou da *performance* adequada ao perfil mapeado com seus objetos consumidos

⁴⁶ Sheep, which no longer need a sheep-dog to control them. For they control each other by ostracizing those who step out of the norm. This tendency to resist change and uphold existing institutions, for the sake of identity, comfort, power and profit, is completely unsustainable and will only produce further imbalance, fragmentation, distribution and invariably, destruction. It is time to change. (...) It is time for a new social system which reflects the understandings we have today.

⁴⁷ Today, symptoms of a surveillance society continue to grow as irrational fears of invisible enemies, coupled with rising economic instability spread across the globe. It is under this guise of security that we can foreshadow a world where everyone is tracked, everyone is on camera and everyone is subordinated (ZEITGEIST, 2007).

complementares. Para Friedman, esse consumismo é causa para o processo inflacionário; pois, com o aumento do estoque monetário (impulsionado pela lógica consumista) e com mais dinheiro em circulação, por motivos de reajustamento realizados pelos próprios proprietários desse estoque, os preços tendem a aumentar.

Ademais, a defesa do *mainstream* econômico estadunidense leva à aceitação de um discurso imperialista mais amplo conforme Joseph. Nesse sentido, o movimento *Zeitgeist* propõe a superação dos discursos adotados pela classe dominante estadunidense em favor de suas regalias extraterritoriais. Os Estados Unidos, maior explorador de petróleo em outros países, principalmente do continente asiático, em favor de sua atividade e por ser potência mundial, portanto modelo econômico a seguir, incentiva a polarização⁴⁸ desses próprios países, através de argumentos terroristas midiáticos. Para Joseph, esse discurso fundamenta-se como mito monstruoso.

Toda a classe dominante dos EUA, a elite governante, vê o terrorismo como meio a implicar reformas, de fato o único meio, para proporcionar coesão social, para fornecer uma imagem inimiga para a sociedade, para mantê-la em conjunto (...) Uma coisa muito perigosa porque agora significa que toda a ordem social, os partidos políticos, a vida intelectual, a política em geral são todos baseados em um mito monstruoso⁴⁹ (ZEITGEIST, 2007) (Tradução nossa).

Ao mesmo tempo em que os EUA fortalecem a ideia do mito de proteção do mundo ocidental, comentado por Joseph, eles exploram os recursos naturais desses países que, inevitavelmente, comprarão material bélicofabricado pelos próprios EUA – o que realimenta o investimento no complexo corporativo-militar e a contínua exploração do discurso a respeito do terrorismo. Diante desse cenário, cria-se o aumento pela procura por esses produtos e, pela intensidade da demanda, reforça-se a elevação dos preços deles. O reforço no comércio internacional de tais produtos acarreta um efeito previsto por Friedman: a necessidade de aumento do

⁴⁸If you wish to destroy an area, how do you it? What you do is you try to get the people in that area to kill each other and to destroy their own territory, their own farms, and that has been done in that area. So, the way in which you destroy and opponent, is get him to destroy himself, by dividing his ranks against one another (ZEITGEIST, 2007).

⁴⁹The entire us ruling class, ruling elite comes to see terrorism as the reformed means, indeed the only means, to provide social cohesion, to provide an enemy image for the society, to keep it together (...) A very dangerous thing because now it means that the entire social order, the political parties, intellectual life, politics in general are all based on a monstrous myth.

estoque monetário e a inevitável pressão inflacionária. Para Friedman, aqui está a chave dos grandes empréstimos feitos pelo governo através das corporações bancárias: para financiar a guerra. Mais uma vez, nesse caso, Joseph vai além da interpretação de Friedman: as guerras, para Joseph, ao mesmo tempo em que garantem os lucros do setor, são produzidas para escravizar nações e cidadãos por meio de dívidas. Nessa perspectiva, os cidadãos tornam-se reféns dessas consequências, pois o governo promoverá a inflação e impostos sobre saldos monetários para arrecadar fundos a fim de cobrir ou reduzir a dívida. Esse processo de dívida do governo e uma maior arrecadação de impostos tornam os cidadãos reféns da dívida, que acabam recorrendo a empréstimos em bancos com altas taxas de juros. Toda tentativa de saldar a dívida bancária, nessa situação, aumenta a procura por serviços e produtos desse setor – o que aprofunda ainda mais a rede de empréstimos e a dependência financeira de tomadores de empréstimos em relação às corporações bancárias.

3. *A crise econômica e suas desestabilidades no mundo contemporâneo*

No decorrer do mundo contemporâneo, criou-se, segundo Bakan, inúmeras corporações bancárias e governamentais. Para o autor, “as corporações são nossa criação. Elas não têm vida, poderes e capacidades além das que nós, por meio dos governos, lhes damos” (BAKAN, 2008, p. 199). Entretanto tornamo-nos uma espécie de “maioria silenciosa”, como já antes descrita por Jean Baudrillard (1985). Frente à submissão da população às diretrizes determinadas pelas instituições governamentais – cúmplices ou vítimas de acordos e contratos com o sistema bancário – o silêncio, contrário a toda forma de protesto coletivo, torna-se o elemento de coesão social a imperar na sociedade de consumo: “as massas não têm história a escrever, nem passado, nem futuro, elas não têm energias virtuais para liberar, nem desejo a realizar: sua força é atual, toda ela está aqui, e é a do silêncio” (BAUDRILLARD, 1985, p. 10).

Bauman trabalha a questão do silêncio contemporâneo como um espaço mal elaborado, uma espécie de utopia ao estilo predador. Ou seja, os consumidores têm um código que os une; mas, paradoxalmente, precisam estar dispersos e desunidos para atender a tal código do lucro, da concentração de riqueza e *status* em meio a uma concorrência acentuada. Nesse espaço de consumismo, a inutilidade do discurso crítico motivada pela suposta zona de conforto e pela ilusão da estabilidade propagada por tais corporações cria um processo de busca por determinado *status quo*.

Portanto um consumidor satisfeito não é motivo nem propósito, mas sim a ameaça mais apavorante, pois esse movimento configura-se um tipo de arranjo social resultante dos tipos de vontades, desejos e anseios cotidianos e que, para além da integração social, causa a estratificação e a formação de um egocentrismo individual exacerbado (BAUMAN, 2008).

Só que dizer que as utopias originais elaboradas ao estilo do jardineiro foram em geral forçadas a sumir e foram substituídas por utopias ao estilo do caçador, oferecendo a visão de um nicho confortável e seguro, entalhado, cercado e fechado para deleite individual num mundo ainda (e por muito tempo, talvez ao infinito) enguiçado, mal controlado e totalmente inóspito (BAUMAN, 2016, p. 76).

Dentro da perspectiva do silêncio apresentada por Bauman e Baudrillard, a população torna-se serva voluntária dessas corporações. De modo oposto, La Boétie, menciona que se deve ser “resoluto em não querer servir mais” (LA BOÉTIE, 2009, p. 39), pois os tipos de submissão propagados causam a principal razão para outros: o hábito. É preciso afirmar que o hábito (da submissão) é derivado da força e da aceitação. Em tom metafórico, La Boétie comenta ainda que, na submissão, mesmo que o hábito da obediência enfraqueça a vontade de liberdade, os comportamentos dos homens tais quais os de um cavalo domado podem testemunhar a violência vivenciada por aquele que se submete.

Temos de preparar o cavalo desde quando nasce para acostumá-lo a servir. Entretanto, nossos carinhos não o impedem de morder o freio e resistir à espora quando queremos domá-lo. Quer manifestar com isso, ao que parece, que não se submete com agrado, mas porque o forçamos (LA BOÉTIE, 2009, p. 41).

A população vê-se como sujeitos passivos frente aos controles de liberdade e ao incentivo a um estado de conforto coletivo. O consumismo estanca o processo de uma liberdade mais ampla e comunicável e traduz a experiência individual como mera situação do jogo capitalista⁵⁰, deixando de ser sociedade produtora (criadora) e passando a consumidora (receptora) (BAUMAN, 2001). O consumismo, como se sabe, influencia o

⁵⁰ Um baixo patamar para os sonhos, o fácil acesso a produtos suficientes para atingir esse patamar e a crença em limites objetivos, difíceis ou impossíveis de negociar, assim como necessidades “genuínas” e desejos “realistas”: são esses os mais temidos adversários da economia orientada para o consumidor e que, portanto, devem ser relegados ao esquecimento (BAUMAN, 2008, p. 63).

processo de demanda e oferta, e, portanto, o processo inflacionário tem destaque.

A inflação obriga os cidadãos a possuir cada vez mais dinheiro para acompanhar o mercado de consumo e, frente à incapacidade de seus rendimentos mensais (desvalorizados pela própria inflação), tais indivíduos recorrem a corporações bancárias para solicitar empréstimos com altas taxas de juros, tornando-os, dessa forma, reféns da dívida.

Entretanto as corporações bancárias não são as únicas a atuarem de modo a sacrificar e escravizar cidadãos ao redor do mundo. Bakan analisa que o contexto que deu poder às corporações como um todo as tornou insensíveis ao elemento social que as formou. Ao retomar a discussão posta por Bakan sobre a funcionalidade das corporações na sociedade, o autor postula as corporações como psicopatas, pois elas existem para, com finalidades específicas de faturamento, prejudicar a sociedade, sem quaisquer sistemas morais ou sentimento de culpa. Esse aspecto prejudicial é entendido por Prado (2017, p. 458), como “uma realidade econômica trágica”. Nas palavras de Bakan:

Como criatura psicopata, a corporação não consegue reconhecer ou seguir preceitos morais para evitar que prejudique os outros. Nada em sua formação legal limita o que pode fazer aos outros na busca de seus objetivos egoístas, e ela é compelida a prejudicar quando os benefícios são maiores do que os custos. (BAKAN, 2008, p. 71)

Nesse sentido, para Bakan, em momentos de crise econômica, os lucros das corporações bancárias são programados para explorar os indivíduos através do aumento do estoque monetário. No que diz respeito à exploração, manipulação e escravidão postas pela corporação bancária como metas lucrativas: “essa é a sua única e verdadeira obrigação” (BAKAN, 2008, p. 82).

4. Considerações finais e discussões

O processo inflacionário, assim como definido pela teoria do estoque monetário de Milton Friedman como uma irregularidade no processo econômico e pelo discurso hiperbólico de Peter Joseph como um aspecto de dominação contemporânea é perpassada pela lógica do consumismo e da desvalorização da renda num cenário que faz surgir crises cíclicas. Por negligência das instituições financeiras (Friedman) ou pela cumplicidade com as megacorporações bancárias (Joseph), a inflação é o prenúncio da

“desapropriação comercial” de bens de endividados e o cenário propício para ampliar as distorções e desigualdades de renda.

Conforme Bakan, as corporações (e principalmente as bancárias) funcionam apenas para fins de lucro, independentemente de fatores éticos sociais. Elas não precisam ser generosas, pelo contrário, acompanham nocivamente a ética utilitarista, a qual domina o mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKAN, J. *A corporação: a busca patológica por lucro e poder*. São Paulo: Novo Conceito Editora, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *Estado em crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2016.

FRIEDMAN, M. *Inflação: suas causas e consequências*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1978.

LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PRADO, Thiago Martins. *Figuras de retórica no discurso econômico para narrar a crise mundial de 2008*. Cadernos de estudos linguísticos. Campinas, v. 59, n. 2, p. 439-459, mai./ago., 2017.

SMITH, A. *A mão invisível*. PenguinClassics; Companhia das Letras: 2013.

ZEITGEIST:themovie. Direção (roteiro e comentários) de Peter Joseph. Estúdio GMP. Estados Unidos: 2007. [DVD]. (210 min), colorido.

ZEITGEIST, addendum. Direção de Peter Joseph. Zeitgeist Films. Comentários: Peter Joseph, Jacques Fresco, Roxane Meadows, John Perkins e outros. Estados Unidos: 2008. [DVD]. (123min), colorido.

ZEITGEIST: movingforward. Direção (roteiro e produção) de Peter Joseph. Estúdio GMP LLC. Comentários: Peter Joseph, Jacques Fresco, Roxane Meadows, Ashton Cline, Robert Sapolsky entre outros. Estados Unidos: 2011. [DVD]. (162 min), colorido.